



As Mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul¹

César Soares²

Margareth de Oliveira Michel³

Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

Resumo: o artigo é uma síntese de um trabalho de conclusão de curso e aborda a presença das profissionais mulheres no jornalismo esportivo de televisivo no Rio Grande do Sul, e tem como objetivos analisar as causas que levaram um campo teoricamente dominado pelos homens, a despertar o interesse das profissionais de comunicação a ponto de levá-las a beira de um gramado (situação recorrente nos últimos anos); e resgatar a participação e contribuição da mulher no jornalismo de forma geral, e no esporte gaúcho, levantando a questão da existência de preconceito nas relações de trabalho (mulher jogadora, comentarista, repórter, árbitra); para em seguida, descrever parte do mercado da comunicação esportiva na TV do Rio Grande do Sul, enfocando ainda as profissionais gaúchas que estão em outros centros do país e questionar a histórica “guerra dos sexos” evidenciada no tema futebol: “mulher não entende de futebol”. O referencial teórico do trabalho está ancorado em autores reconhecidos nesta área teórica, como Alves (1984), Maciel (1995), Coelho (2004), Teixeira Jr (2006) e Barbeiro & Rangel (2006), entre outros.

Palavras Chave: Jornalismo Esportivo; Esporte; Futebol; Mulher; Telejornalismo no RS

Introdução

Num País redigido por homens as mulheres são notícia. Fazem notícia. Hoje representam grande passo na estrada da imprensa. Um grande salto. Um salto alto. (Daniel Liidtke)

A participação da mulher no transcorrer da história nem sempre tem sido registrada com a importância de que se reveste, isto porque na maioria das sociedades, durante séculos, a mulher foi vista como “o segundo sexo”, inferior ao homem e esteve sujeita às suas decisões: além de ficar restrita ao lar, tinha sua presença reduzida no meio público e mesmo quando o governo brasileiro permitiu às mulheres o acesso à educação, muito poucas completavam o ensino secundário e um número muito mais reduzido conseguia obter formação superior. Somente no início do século XX, com o crescimento urbano e industrial é que a mulher é trazida para o espaço público e ao mundo do trabalho (RAGO, 1985). É neste período que o movimento pelos direitos da mulher se fortalece no Brasil e reivindicam um estrato social mais privilegiado, bem como os direitos de igualdade perante os homens quanto à profissionalização e ao direito de voto.

De lá para cá, muita coisa mudou: a mulher conseguiu novos espaços, readequou conceitos e a própria estrutura social, transpôs barreiras e desmistificou muitos preconceitos. Entretanto, esta inserção foi lenta e gradual, resultado: inúmeros campos sociais ainda ficaram sob o domínio do homem, o esporte foi um deles. Embora desde os Jogos Olímpicos da Grécia, onde nem mesmo assistiam aos jogos, as mulheres vem lutando pela inclusão no mundo dos esportes, foi bem recentemente que este quadro começou a mudar. Assim como a mulher entrou para o mundo do trabalho, também entrou para o universo esportivo, e a partir daí, seu envolvimento com a comunicação e com os esportes ultrapassou limites e demarcou novos territórios: muitas trocaram a bola pelo microfone e passaram a informar, apresentar, e a comentar as competições esportivas em diferentes modalidades.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UCPEL, email:

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação da UCPEL. Mestre em Desenvolvimento Social e Mestranda em Linguística Aplicada. E-mail: margareth.michel@gmail.com



Objeto e Método

Este trabalho tem como objeto de estudo o Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul e a participação das mulheres neste segmento do jornalismo especializado. Consiste numa pesquisa exploratória, com a finalidade de aprimorar as idéias e descobertas, composta por entrevistas (foco qualitativo) com profissionais da área de jornalismo do sexo feminino. A técnica de pesquisa utilizada foram entrevistas estruturadas, aplicadas aos públicos de interesse. A amostra foi escolhida por acessibilidade, já que essa pesquisa enquadra-se como qualitativa e não-probabilística, permitindo ao pesquisador selecionar os indivíduos a que tem acesso, considerando que estes poderão, de certo modo, representar o universo (GIL, 1999). A análise dos dados obtidos de entrevistas é derivada dos processos de análise de dados qualitativos com base em Strauss & Corbin (apud YIN, 1994). A ênfase no processo de análise será feita com base no que os entrevistados disserem o que pensam a respeito do assunto.

O Jornalismo Esportivo

Para falar de Jornalismo Esportivo é necessário em primeiro lugar entender e definir o que é Jornalismo, o que não se constitui numa tarefa fácil, uma vez que não seria algo definitivo, porque este fazer se aprimora e se especializa continuamente, sendo muitos os autores que buscam definir ou conceituar o Jornalismo de diferentes perspectivas. Segundo a Wikipedia⁴, jornalismo “é a atividade profissional que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Também se define o Jornalismo como a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos atuais.” Desenvolvida na área de comunicação, a atividade pode ser aplicada (desenvolvida) em diferentes áreas ou veículos, que vão dos mais tradicionais como os jornais e revistas, o rádio e a televisão, ao que se tem de mais atual como os mediados pelas novas tecnologias: websites e weblogs, entre outros.

Abramo (1998, p.189) coloca que “O jornalismo é uma atividade humanística”, o que leva ao entendimento de que esta atividade tem como pressuposto o homem e a sociedade, e por isto, o jornalismo se ocupa de narrar fatos, contar histórias, levar informação, prestar serviço, esclarecer. “O jornal está aí para informar o homem sobre o que está acontecendo com o homem, porque afinal a cobertura é feita tendo em vista a relação que o fato tem com os seres humanos”, (ABRAMO, 1998, p. 192). Beltrão (1992) afirma que a essência do jornalismo é existir a partir do público, para o público e pelo público. Para Marques de Mello o jornalismo é um reflexo das exigências da sociedade “que se manifestaram na nascente engrenagem burocrática, nas operações mercantis e financeiras que movimentavam as cidades, na circulação mais rápida das idéias e dos inventos, que tornaram a reprodução do conhecimento um fator político significativo” (Mello, 1985, p.12), e também porque o homem tem a informação como requisito para a sociabilidade, tendo interesse, vontade e aptidão para saber o que se passa ao seu redor. Já para Bahia (1990, p. 67) o jornalismo tem o “dever de mostrar a realidade por trás da aparência”, e além de difundir informação, deve promover o bem comum estimulando ainda, a troca de idéias, pois muitas vezes as matérias jornalísticas são a única fonte de conhecimento para a grande massa. É através do jornalismo que o público se inteira sobre os fatos

⁴Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo>. Acesso em 07/04/2009.



que acontecem em sua cidade, estado, país; é através dele que esclarece ou desmistifica idéias sobre algo que poderia parecer incompreensível.

Thompson (1999, p.11) coloca que “o uso dos meios de comunicação transforma, de forma fundamental, a organização da vida social, criando novas formas de ação e de interação e de exercício do poder”. Afirma, ainda, que ao utilizarem os meios de comunicação de massa, os seres humanos constroem redes de significação para si próprios. A grande difusão da comunicação faz com que muitas vezes as matérias jornalísticas constituam-se na única fonte de conhecimento para a grande massa e onde o espaço público permite que ocorra uma relação complexa entre as variáveis sociais, culturais, econômicas, e comunicacionais que se interpenetram. São modos de pensar que passam a gerar novos conceitos, que transpostos para os meios de comunicação, fazem com que o jornalista cumpra com este papel informativo e formador, seja produzindo programas de cunho geral ou especializados. Essa organização e estruturação dos meios de comunicação social provocam a profissionalização da atividade mediadora que se instaura e consolida como uma dimensão constituinte da sociabilidade dos grupos sociais, e que faz com que o jornalista se transforme num profissional capaz de trabalhar com conteúdos especiais, porque ocorre um diálogo entre o fato e o receptor e isto faz com que ocorra “um movimento que questiona antigos conceitos e busca, através da reflexão crítica, uma ampliação dos horizontes” (Vieira, 1998, p.14).

Os processos contemporâneos da sociedade impõem questões de caráter complexo e o jornalismo contribui para a "construção social da realidade"⁵ em diferentes campos sociais. Surge então a necessidade de especializações nestes campos, as quais tem a tarefa de interpretar a própria dinâmica social e produzir sobre este mundo. Embora existam controvérsias sobre o que é jornalismo especializado e carência em referências bibliográficas na área, é inegável que o jornalismo especializado surge e cria força, pois o público deseja uma informação mais elaborada sobre determinados assuntos, distintos dos outros, obrigando os veículos de comunicação e os profissionais de jornalismo a responderem de forma adequada a estas necessidades. O Especializado tem a ver com jornalismo em profundidade, segundo Mário Erbolato (1981) que recorre a fontes conceituadas para explicar o que vale a pena publicar, como e porque, apresentando-o como jornalismo em profundidade, e comentando os gêneros jornalísticos. No prefácio de seu livro afirma que: “Neste Jornalismo Especializado estudamos os principais e diversificados assuntos que normalmente figuram na imprensa diária. Mister se torna advertir que não existe, na prática, um divisor exato e rigoroso entre o que possa ser incluído nesta ou naquela Editoria ou Seção. (ERBOLATO, 1981).”

O jornalismo especializado /esportivo se ocupa de diferentes temas e suas pautas em geral se constituem na cobertura dos mais variados eventos esportivos que vão desde competições mundiais como as Olimpíadas e Copas do Mundo a campeonatos, treinos e outros. Falam sobre as organizações que os promovem (comitês, federações esportivas, clubes, Associações, grupos, etc...), as políticas públicas para a área, bem com noticia os principais fatos que ocorrem no setor. E estes podem ir desde o simples gol “da rodada de ontem”, à violência nas praças esportivas, até as transações internacionais milionárias de craques e atletas das mais diferentes modalidades esportivas. Em sua

⁵ De acordo com FERRÉS, Joan. *Televisão Subliminar – Socializando através de Comunicações Despercebidas*. Porto Alegre. Ed. ArtMed, 1998.



obra *História do Jornalismo Esportivo*, Juarez Bahia (1990) mostra que é importante situá-lo como segmento do Jornalismo Especializado, destacando “os grandes nomes, a força do futebol-empresa, a presença da mulher na cobertura esportiva, jornais e revistas que tem se destacado na imprensa esportiva e qual a tendência dessa especialização”⁶. Chama-se Jornalismo Esportivo⁷

A especialização da profissão jornalística nos fatos relacionados aos esportes, ginástica, jogos, hobbies e outras atividades de exercício físico. [...] O Jornalismo Esportivo é uma especialização que lida com alto grau de risco de imparcialidade, pois tanto jornalistas quanto leitores têm preferências por determinados times ou atletas. Por isso, o profissional da área deve tomar cuidado com a paixão ou repúdio que seu texto pode facilmente provocar no público (e em colegas).

No Brasil, muitos esportes vem ganhando espaço nos mais variados meios de comunicação, mas a maioria das pautas refere-se ao futebol, o esporte mais popular do país. As fontes de notícias nesta área em geral são atletas e dirigentes de clubes e entidades esportivas, autoridades, profissionais que atuam tais como treinadores, fisioterapeutas, médicos, profissionais de educação física (entre outros), e o grande sustentáculo disto tudo, os torcedores. O jornalismo esportivo ainda é uma especialização onde os homens são maioria, porém o número de mulheres que se direcionam para a área vem crescendo e elas se profissionalizam rapidamente. Atualmente, no país, destacam-se nomes como Glenda Koslowiski, Cristina Lyra, Mylena Ciribelli, Milly Lacombe, Renata Cordeiro, Renata Fan e Sônia Francine. No Rio Grande do Sul, Eduarda Streb, Débora de Oliveira e Kelen Caldas no vídeo, além de coordenadoras e editoras que atuam, nos bastidores das redações.

A editoria

Um segmento da informação que surgiu envolvido no desprestígio, inclusive com dose considerável de preconceito, o Jornalismo Esportivo ensaiou seus primeiros passos no início do século XX, discreto, limitado, esbarrando nas restrições que o tema carregava em si, e, conseqüentemente, na resistência dos chefes de redações que relutavam em disponibilizar espaço para o tema. Quando o faziam, apenas pequenas colunas aos poucos fatos do esporte.

Falar da gênese da editoria é recuperar de forma intrínseca a origem das notícias do futebol. Mesmo importado e chegando numa terra onde o remo dominava, o apresso pelo esporte inglês foi ganhando contornos cada vez maiores, talvez daí o desprestígio pela editoria, na época, com a pauta forasteira.

[...] Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão política do país? [...]. (Coelho, 2004 p.10).

Mas ao longo dos anos, a editoria foi se solidificando, crescendo e despontando amparada na sombra do seu eixo fundamental que por vezes se confunde como sendo a própria essência da comunicação esportiva: o futebol. A sincronia deu tão certo que resultou nos expressivos veículos, equipes e marcas que atuam e dominam atualmente o esporte como produto rentável de comunicação.

⁶ Grifo meu.

⁷ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_esportivo. Acesso em 07/04/2009.



O grande problema residia na aceitação desta modalidade que nos primeiros anos do século passado também surgira sob olhos desconfiados e críticas refinadas. O caminho da editoria era pavimentado de incertezas e instabilidades: desde as primeiras páginas do jornal *Fanfulla*⁸ em 1910, até a aparição, no Rio de Janeiro, do primeiro diário dedicado exclusivamente ao esporte, o *Jornal dos Sports*, em 1930.

[...] Assim, revistas e jornais de esporte foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a *Revista de Esporte* viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60. Viu nascer Pelé, o Brasil ganhar títulos mundiais viu o futebol, seu carro chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades [...].(Coelho, 2004 p.09).

A evolução e o desenvolvimento perene do Jornalismo Esportivo só vieram a deslanchar entre os anos 60 e 70, foi quando o esporte passou a ter espaço próprio nas redações de impressos, rádios e televisões. Segundo Amaral (1982:91), com a realização da Copa do Mundo, a inauguração do Maracanã e a primeira grande conquista mundial em 1958, na Suécia, o jornalismo esportivo brasileiro começou a se especializar e passou a ser mais elaborado visto que precisou satisfazer um público cada vez maior e mais exigente. É indiscutível a melhoria na qualidade e o tratamento do material produzido pelos jornalistas, especializados em futebol no Brasil, a partir de 1960. Constatação também observada por Coelho 2004: “[...] A partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. [...].(Coelho, 2004 p.10).”

A partir do final dos anos 80 início dos da década de 90, torna-se mais visível o aumento de uma cultura que vivencia mais de perto e explora a prática esportiva, do culto ao corpo. Para Mauro Betti (2003) essa predisposição foi entendida como um grande filão pelos meios de comunicação. O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as habilidades físicas, suas histórias e personagens, suas curiosidades viraram grandes produtos e marcas de consumo, ainda que apenas como imagens. Jornais, revistas, *videogames*, filmes rádio e televisão passam a propagar as pautas esportivas, equipes, feitos e recordes que envolvem a valorização do corpo, o movimento e a competição. É o *esporte-espetáculo*, o *homem show*, conquistando multidões.

O jornalismo esportivo na televisão

O fenômeno esportivo, segundo os autores pesquisados, é um meio de socialização; favorece, pela atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência comunitária; é uma atividade de prazer: ativa para os praticantes, e passiva para os que assistem aos espetáculos esportivos; exerce uma função de coesão social, ora favorecendo a identificação social, ora representando simbolicamente o corpo esportivo da nação; desempenha um papel de compensação, pelo prazer contra o excesso de burocracia e industrialização. Desperta o senso de competição e com ele o patriotismo. Para Carzola Prieto (1979), o fenômeno esporte é fundamentado essencialmente por duas perspectivas: como fenômeno social universal e como instrumento de equilíbrio social; mas também pelo consumismo esportivo, pelos grandes espetáculos esportivos, pelo resgate de valores que o esporte leva à sociedade; pelo impacto visual e de discurso implantado no meio social, pela difusão do esporte

⁸ *Jornal Fafulla* - existiu em São Paulo, em 1910 e foi o primeiro a dedicar alguns pequenos espaços ao esporte. Foi também o incentivador à fundação do *Palestra Itália*, mais tarde *Palmeiras*. COELHO, Paulo Vinícius, *Jornalismo Esportivo* 2004.



através dos meios de comunicação. Na única terra pentacampeã do globo com a invenção de Charles Muller, esporte é sinônimo de futebol, futebol de democracia de massas da qual não há distinções. Diferenças de classes, credos, idades se anulam; e nas últimas décadas, por que não de sexo? Reforçando esta consideração, Aldyr Garcia Schlee, no prefácio de *O futebol em Pelotas* (Alves 1984) descreve:

O futebol antes de ser um esporte, é uma paixão. É uma oportunidade permanente para todos; e para tudo. Sonhos dos que o praticam, realidade dos que o encaram como profissionais, ilusão dos que a ele se entregam emocionalmente, o futebol nasceu estrangeiro e esnobe, aristocrata e elitista, para se transformar num coisa tão nossa, tão brasileira, que é quase um símbolo de salvação nacional. Neste país sempre dominado por uma minoria, aqui onde a outra alternativa popular tem sido o carnaval, o Brasil consegue ser otimista, porque torce fervorosamente, porque renasce de esperança a cada domingo, porque se realiza e participa como povo nos estádios, e ali vai aprendendo a lição de democracia que ao mesmo tempo dá – ali se ergue na comemoração de seus ídolos, mas compreende que nada se resolve individualmente, ali não chega a tomar consciência da sua força coletiva, mas ameaça até que, se for preciso, multiplica os onze por mil e obtém a vitória a qualquer preço.[...]. (Alves, 1984 p. 09).

Na perspectiva de Máximo (1999), o futebol funcionou como mágica, proporciona uma perspectiva de desenvolvimento e vitória, que mexe com o imaginário popular brasileiro, consistindo num estímulo à satisfação e ao prazer. O caminho para a profissionalização do futebol abriu caminho para os grandes atletas entrarem em campo e “Integrado, profissionalizado e temperado na paixão, o futebol brasileiro seria devidamente coroado em 1970 com o tricampeonato mundial no México e a conquista definitiva da Taça Jules Rimet.(MÁXIMO: 1999, p. 186)”.

O esporte é notícia desde as primeiras fotos e registros da retomada dos Jogos Olímpicos da era moderna em 1892, passando pelo primeiro grito de gol de Nicolau Tuma⁹, em 1931, amplificado pelas ondas da Rádio Sociedade Educadora Paulista (primeira emissora paulista fundada em 1923). Já na televisão, cuja estréia oficial ocorreu em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, com a TV Tupi-Difusora, a informação é de que a primeira transmissão de uma partida de futebol na íntegra se deu 27 dias após o lançamento oficial da televisão, conforme Fernando Morgado,¹⁰. Na seqüência, a prática foi adotada pela TV Record (em 1953- 3ª emissora a entrar no ar no Brasil), e que em 1954, criou o primeiro programa esportivo da televisão brasileira, o "Mesa Redonda"¹¹, com apresentação de Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, que mais tarde se tornaria uma das maiores audiências do jornalismo esportivo, e que também marcou a regularidade das transmissões ao vivo das partidas de futebol e das lutas do Campeonato de Pugilismo. A TV Record foi também a primeira emissora a

⁹ **Nicolau Tuma (1911 – 2006)** foi jornalista e político brasileiro, cuja vida ficou marcada por grandes realizações nos dois segmentos. Na esfera pública foi vereador e deputado federal, parlamentar influente nas décadas de 50 e 60, quando se destacou na elaboração do primeiro Código Brasileiro de Telecomunicações. Foi um dos criadores da Embratel. Além disso, também entrou para a história, por ter sido o narrador da primeira partida de futebol transmitida pelo rádio, em 19 de julho de 1931. Toda a idéia de transmissão foi dele que precisou ir ao vestiário dos jogadores para identificação das fisionomias, já que, na época, não havia números nas camisas. Na estréia da transmissão esportiva, no Brasil, Tuma conseguiu narrar dez gols da vitória do São Paulo por 6 a 4. (AMARAL, Júlio César. *O Esporte na TV: A comunicação no telejornais de TV por cabo*, 2000 – UCPEL).

¹⁰ **Fernando Morgado** é estudioso do tema e colaborador da página eletrônica Tele História. Um espaço criado em 2001 que cobre as atualidades da televisão brasileira, em todas as suas segmentações, sem deixar de atender aos estudos e pesquisas por meio de registros históricos da televisão, desde os primeiros anos. Disponível em http://www.telehistoria.com.br/thnews/colunas_integra.asp?id=1842

¹¹ “**Mesa Redonda**” foi o primeiro programa dedicado exclusivamente ao esporte na televisão brasileira, indo ao ar em 1954, pela TV Record. Informações extraídas do endereço eletrônico: http://www.microfone.jor.br/hist_record.htm



transmitir, ao vivo, o Grande Prêmio de Turfe do Brasil, em 1956, direto do Jockey Clube do Rio de Janeiro.

Gradativamente, o esporte brasileiro e seu braço direito, o futebol, foram demarcando seus espaços ao construírem seus personagens dotados de histórias fascinantes de conquistas, superação, façanhas e também das comoventes de derrotas e fatalidades. Durante os anos 80, a veterana TV Record e TV Bandeirantes perceberam rapidamente este filão de mercado e travaram grandes disputas pela autorização e direitos de transmissão. As competições começavam a representar bons índices de audiência e receita, de acordo com Coelho (2004): “a Bandeirantes até se intitulou o Canal dos Esportes e transmitiu jogos do Campeonato Brasileiro com exclusividade de 1986 a 1993, além de outros torneios”. A partir daí, o “bolo” se mostrou saboroso e mais grupos quiseram participar dessa fatia: a TV Globo entra com tudo na disputa, despeja dinheiro aos clubes, inflaciona o setor, mantendo-se, até hoje, na hegemonia do jornalismo esportivo da televisão brasileira.

O jornalismo esportivo na televisão

Se desde a Antiguidade¹² o esporte está fundamentado nas relações de integração dos povos, ao longo dos séculos os eventos esportivos contaram com incrementos que ajudaram a propagar o sentimento de nacionalidade e consolidar a prática de esportes entre culturas intercontinentais, transformando as disputas em uma espécie de linguagem universal. No Brasil, este auxílio veio na década de 50 com advento da televisão. De acordo com os registros da história algumas emissoras de rádio já acompanhavam de perto o esporte e mais precisamente o futebol desde a origem do rádio, no Brasil em 1922, até a primeira transmissão radiofônica de uma Copa do Mundo, em 1938, por Gagliano Neto¹³. O protocolo de abertura dos jogos como Olimpíadas e Copas do Mundo sempre foi cerimônia, cujo encanto vai muito além de palavras: os rituais de apresentações, desfiles, bandeiras e tochas olímpicas, são simbologias carregadas de história, cultura e emoções que só as imagens podem descrever. Mas nem só de grandes transmissões esportivas é nutrido o jornalismo esportivo. As competições brasileiras anuais passaram a despertar o interesse da mídia no país com o surgimento de cadernos esportivos em jornais, revistas especializadas e programas esportivos de televisão, desde o início dos anos 70. A TV Globo – fundada em 26 de abril de 1965 – Lança em 1973, o dominical Esporte Espetacular e cinco anos depois, em 14 de fevereiro de 1978, o telejornal diário Globo Esporte, ambos no ar até hoje.

Estes foram os “carros chefes” da emissora no esporte, ao longo dos anos 80, quando, não julgava interessante transmitir futebol, às quartas-feiras e domingo, deixando para as concorrentes. Mas a partir de 1995, a emissora percebeu a movimentação financeira do setor e começou a investir pesado, passando a ter exclusividade, nos direitos de transmissão. Com o princípio do monopólio, o futebol passou a ser explorado com e espetáculo, várias cores, muitos replays, recursos gráficos como

¹² Os Jogos Olímpicos nasceram no ano 776 a.C, e durante quase três mil anos registraram competições nas quais participavam atletas de todas as partes da Grécia e onde sempre reinava a paz. Por mais que existisse relativa guerra no momento das disputas, uma trégua era imposta entre os atletas para não interferir na continuidade da Olimpíada. Fonte: Barros, Gilda Naécia Maciel de. As olimpíadas na Grécia Antiga / 1996 Pioneira

¹³ **Leonardo Gagliano Neto** (1911 – 1974), nascido em Recife, foi o locutor esportivo de rádio brasileiro que realizou a primeira transmissão de uma Copa do Mundo, em 1938, pela rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro, sendo o único locutor sul-americano na França. Disponível em <http://www.wikipedia.com.br>, consulta e 15 de junho de 2009.



tira-teimas, plástica e acabamentos perfeitos para grandes eventos. Contudo, toda a pompa, por diversos momentos, segundo relata Coelho (2004), tentou comprometer o direito à informação.

[...] o show produzido depois das compras de direitos não pode acabar como jornalismo de outras emissoras. Nos tempos em que não pagava somas absurdas de dólares para transmitir seus campeonatos, a Globo mostrava imagens feitas dentro dos estádios por seus próprios repórteres. Em julho de 2002, a TV Alterosa, de Minas Gerais, enviou duas equipes para as sedes da Copa dos Campeões torneio (hoje extinto) que dá uma vaga para a Copa Libertadores e é disputado nas cidades de Belém, Fortaleza, Teresina e Natal. Surpreendentemente, para os diretores da emissora, afiliada do SBT, a Globo alegou que tinha os direitos e que, por isso, nenhuma outra poderia entrar no estádio, nem se quer para produzir material jornalístico. A direção da Alterosa decidiu processar a TV Globo. Mas não teve direito de receber nem mesmo as imagens dos gols do torneio. (Coelho, 2004 p.65, 66).

Atualmente o futebol possui calendário preenchido durante todo o ano – começa em janeiro com os Campeonatos Estaduais, depois Libertadores (quando há times brasileiros) e Copa do Brasil e encerra em dezembro com o Campeonato Brasileiro – e todas estas competições, incluindo a maioria dos estaduais, estão reservadas à exclusividade da TV Globo. Depois do futebol, na televisão, apenas o automobilismo tem calendário anual contínuo com a Fórmula 1 e a Stock Car, também na Globo; e a Fórmula Indy, na TV Bandeirantes. A TV Bandeirantes hoje é a segunda emissora que detém os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, mas precisa seguir às determinações da titular. Em sua grade possui três programas de esporte: o Jogo Aberto de notícias e debates, das 11h30 às 13h; o Band Esporte Clube, aos domingos às 14h; e o Terceiro Tempo, também aos domingos, às 22h; além da Fórmula Indy de abril a outubro. A Rede TV, que vai completar dez anos em novembro, detém os direitos de transmissão dos Jogos da Série B do Campeonato Brasileiro. Em sua grade tem o TV Esporte Notícia às 11h45 e o Bola na Rede aos domingos às 18h45. O SBT, já há algum tempo não conta com programação esportiva e apenas noticia alguns minutos de esporte em seus telejornais diários, a TV Record, não perde tempo e vem montando uma equipe esportiva de peso. Depois das redes abertas os eventos esportivos e o jornalismo esportivo ganham destaque nos canais de TV por assinatura com cem por cento de programação esportiva: a SporTV (fundada em 1991) e a ESPN Brasil, criada em 1995. Neste segmento o mais novo é o canal Band Sports, fundado em 2002.

Embora dominada pelo carro-chefe da editoria, as redações esportivas de televisão precisam administrar com inteligência o excesso de pautas, originado nos estádios e evitar a overdose de futebol, cabendo aos chefes de redação pautar o diferencial no telejornalismo esportivo. Diferente neste segmento é sinônimo de descobrir e divulgar outras modalidades: não se pode esquecer que as quadras, piscinas, arenas e pistas automobilísticas também mobilizam desportistas, destacam cidades e regiões e geram importantes materiais jornalísticos. Neste contexto, Coelho (2004), traz um capítulo intitulado *Esporte não é Sinônimo de Futebol* reforçando o dualismo da realidade com o qual se depara o profissional da comunicação que escolhe atuar no segmento e pretende se especializar: Futebol X Esporte Amador. (entende-se por esporte amador todos os esportes olímpicos, excetuando-se o futebol – única modalidade considerada profissional).



Segundo Coelho (2004), devido às exigências do mercado atual não existe jornalista de esportes, especialista em regras e terminologias de mais de 30 modalidades olímpicas que temos hoje, existe o jornalista que se dedica a transmitir informações de maneira ampla, geral. Que vai se tornar melhor quando é, de fato, conhecedor de um assunto específico. Enquanto percebemos que se verifica a ocorrência de matéria prima e recursos humanos em grau satisfatório, paradoxalmente, não se percebe o mesmo quanto a espaço aos noticiosos esportivos. Sejam restrições impostas pelo monopólio, direitos de exclusividade, audiência ou custo, o certo é que, ao fim da primeira década do século 21, ainda é inexpressiva a quantidade e o tempo de telejornais ou programas unicamente com teor esportivo, essencialmente na nossa TV aberta. Em rede nacional a TV Globo mantém diariamente meia hora de informações do gênero dentro do Globo Esporte, e, nas manhãs de domingo, o programa Esporte Espetacular ocupa três horas, dividindo espaço com transmissões ao vivo de diferentes competições, dentro de um calendário esportivo anual. Ressalta-se que é neste espaço de tempo, raro na TV aberta, que outros esportes como ciclismo, atletismo, futebol de areia e mesmo futsal e vôlei ganham a sua parcela de visibilidade. Outras emissoras de televisão como a Band, SBT, Rede TV, Record também dedicam espaços em suas grades para noticiários esportivos ou, na ausência de programas do gênero, blocos de esporte dentro de seus telejornais. Sempre respeitando a hierarquia: [futebol + outras modalidades (quando há) = esporte].

A bola da vez: elas chegaram e já estão de donas do campinho

É sabido que a criação de uma identidade, a quebra de paradigmas e a ruptura de sistemas saturados são sempre oriundos de manifestações organizadas e reivindicatórias que pleiteiam práticas renovadoras, muitas delas dirigidas a uma determinada parcela social. A inclusão da mulher na sociedade moderna, ainda que parcial e a plenitude de sua participação na vida social contemporânea com rotinas direitos, deveres e obrigações bem definidas são resultados de uma identidade cuja afirmação está atrelada, segundo Castells (2000), a contextos sociais marcados por relações de poder. A última década do século 20 e os primeiros anos do século 21 trouxeram consigo um forte aliado à geração de mulheres que lutavam por seus espaços e pediam passagem aos senhores “donos do pedaço”. Através do advento da tecnologia em rede instaurou-se no mundo a internet e, por consequência novas transformações tecnológicas, sociais e culturais em estágios de constante evolução. Ocorreram a dinamização da notícia, o uso e a adoção de novas práticas de informação. Foi a comunicação refazendo e reinventando a formar de comunicar, mudando regras, modificando costumes, aperfeiçoando idéias e revendo conceitos. De acordo com Barbeiro e Habib em *Jornalista: Profissão Mulher* (2005), com o passar dos anos e diante de todos os pleitos as mulheres deixaram de ser pauta e passaram a produzir notícia.

As mulheres avançaram em estruturas sociais que eram exclusivamente de homens e passaram a dividir com eles a responsabilidade da construção da sociedade. Deixaram de ser objeto de mídia como diz Baudrillard: ‘A ética da beleza, que também é a da moda, pode definir-se como a redução de todos os valores concretos e dos valores de uso do corpo (energético, gestual e sexual), ao único valor de permuta funcional que na sua abstração, resume por si só a idéia de corpo glorioso e realizado’. Tornaram-se senhoras da história e ocuparam uma das estruturas mais importantes do poder que é a mídia. Não mais apenas como personagens das reportagens, mas como realizadoras do jornalismo. (Barbeiro, e Habib, 2005, p. 13)



Conforme Castells, o mundo vem sendo redefinido pelas tendências globalizantes e pela identidade de classes. Segundo ele, os processos de transformações e interação criaram uma nova sociedade: *a sociedade em rede*. Essa “*sociedade em rede*” tem como característica a transformação das relações humanas, como por exemplo, o feminismo e a abertura do mercado de trabalho para as mulheres. Desde os expressivos movimentos feministas das décadas de 60 e 70 no Brasil, que ganharam força junto aos gritos de libertação de ativistas, homossexuais, perseguidos políticos, a mulher vem assumindo posições em diferentes espaços nos segmentos de uma sociedade organizada, readequando conceitos e a própria estrutura social. Inúmeras foram as habilidades desenvolvidas e compartilhadas com os homens de lá pra cá: seja na vida pública, na chefia de grandes empresas, na política, nas forças armadas, na construção civil, nas esfera de segurança pública, ao volante, ou em qualquer outro ofício, elas transpuseram barreiras, desmistificaram preconceitos, mostraram toda a capacidade de conduzir as mais variadas atribuições. Diante de tanta presença feminina por todos os lados, a chegada da mulher ao setor da comunicação dependeu apenas de uma questão de tempo, muito pouco por sinal, primeiro para os microfones do rádio e com a chegada da televisão invadiram o veículo da imagem.

As mulheres no telejornalismo esportivo e nas coberturas de futebol - charme, batom e ousadia à beira do gramado

Loira, bela, ex-misse e agora dona da palavra. A gaúcha de Santo Ângelo Renata Bonfiglio Fan, Misse Brasil 1999, é apenas um, dentre tantos exemplos, de beleza feminina, arrebatada pelo jornalismo esportivo. Ao longo de seis anos no segmento, a jornalista tem conquistado respeito e admiração de muitos profissionais do meio, mostrando que também entendia de esporte, especificamente de futebol a ponto de noticiá-lo, comentá-lo e debatê-lo com outros quatro homens (entre eles, ex jogadores) que integram a equipe do programa Jogo Aberto, da TV bandeirantes comandado por ela. Renata Fan se tornou a primeira mulher a conduzir um programa esportivo, na TV brasileira e embora não deixe de creditar à beleza, o seu acesso ao posto, faz questão de destacar o seu interesse e comprometimento. Conforme relata em entrevista concedida a Agência Estado e publicada no jornal Diário Popular em junho de 2007:

A estética ajuda bastante em TV, afinal você trabalha com visual. Eu sou bem vaidosa, gosto disso, mas não é meu foco. Só agora vou fazer minha primeira cirurgia, vou pôr silicone em julho. Sei que preciso me cuidar mais, é até um desabafo isso. Mas beleza por si só não se sustenta... Eu luto pelo reconhecimento neste meio, me preparo para o que faço. Fiz Direito, sou jornalista formada, quis entender da parte teórica, além de melhorar minha performance na TV. Mas não sei tudo, não sou senhora da razão. Cada dia eu tenho um novo desafio. Acho que tudo é importante para meu crescimento e da minha equipe. (Fan. Caderno Estilo, Diário Popular, 03/06/2007)

Como a grande maioria das profissionais atuantes do Jornalismo Esportivo, o interesse de Renata por esporte vem da infância, da relação proporcionada com o time para qual torcia. E hoje sua obstinação pela qualificação no que trata é tamanha que ela revela se privar de muitas coisas em detrimento do aperfeiçoamento: “[...] não tenho vida social, não vou à balada. Eu dedico 80% do meu tempo ao trabalho. Sou extremamente exigente comigo mesma. Às vezes chego cansada num domingo, mas mesmo sendo um jogo não tão importante, eu assisto. Minhas únicas extravagâncias



são sapatos, tenho 450 pares, e os livros, que adoro comprar. Leio todas as noites. [...]”(Fan. Caderno Estilo, Diário Popular, 03/06/2007)

O Esporte e o futebol não só conquistaram as belezas femininas para comunicação como também para o gerenciamento das partidas. Outro desdobramento do campo jornalístico esportivo protagoniza a mais recente polêmica envolvendo a atuação das mulheres: a arbitragem no futebol. Teixeira (2006) menciona o pioneirismo da mineira Azaléa Campos no apito, em 1967, a primeira juíza de futebol do mundo¹⁴ credenciada pelo curso do Departamento Amador da Federação Mineira de Futebol, mas que só foi reconhecido pela Fifa em 1971. Detalhe curioso também é lembrado pela página eletrônica da Associação Nacional de Árbitros de Futebol: rebatendo o preconceito da perda de feminilidade, a beleza foi ferramenta forte da precursora do apito, já que ela chegou a ser misse Belo Horizonte. Depois jornalista e Relações Públicas do Esporte Clube Cruzeiro. Mas a relação apito/beleza voltou à tona envolta numa grande polêmica capitaneada, há cerca de dois anos, pela auxiliar de arbitragem de futebol, Ana Paula Oliveira, que depois de estreiar no quadro da Confederação Brasileira de Futebol, em 2001; no quadro da Fifa em 2004, estampou a capa da revista masculina *Playboy*, em 2007, revolucionando a posição da mulher, na arbitragem feminina e abrindo grandes debates acerca do tema.

O envolvimento da mulher com o segmento, nas últimas décadas ultrapassou os limites de quadras e campos, na busca, mais uma vez, de demarcar um novo território. Diante dessa perspectiva, muitas delas trocaram a bola ou o aparelho da modalidade esportiva pelo microfone e passaram a relatar, transmitir, apresentar o desempenho dos homens em determinados esportes e, evidentemente de outras mulheres.

Segundo Coelho (2004), era praticamente impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. Aos poucos a situação foi sendo alterada, na televisão uma das primeiras a iniciar o processo de ruptura deste paradigma foi a jornalista Isabela Scalabrini, primeira mulher a integrar a equipe de esportes da Rede Globo, começando após um programa de estágios da emissora, em 1980. Em entrevista feita com a jornalista, Siqueira (2005) conta que as dificuldades enfrentadas por Scalabrini foram muitas, uma vez que na época não havia tradição de mulheres naquele departamento. Dificuldades, inclusive, de concepção dos próprios colegas e chefes. Assim como Scalabrini, outras foram chegando e redefinindo este espaço como a jornalista Mylena Ciribelli, que estreou na apresentação no programa Globo Esporte, em 1991, e Glenda Koslowiski, desde janeiro do ano passado, nesta função. A apresentadora é mais um forte exemplo de que as mulheres que hoje atuam no esporte tem algum vínculo com familiares desportistas ou tiveram algum experiência no esporte. Conta ela:

Quando comecei há dez anos atrás era muito complicado. Todos os repórteres de rádio televisão entravam no vestiário. Eu tinha que entrar. Entrei várias vezes sozinha. A única mulher no meio de centenas de homens para falar de futebol. Já passei por muito constrangimento, jogadores completamente nus desfilando, e de propósito. É quando você deixar sair o lado masculino. Você tem que dar uma de homem, olhar para o cara e

¹⁴ Asaléa de Campos: Mineira, nascida em 1945 em Belo Horizonte, formada em Educação Física pela Universidade de Brasília, Léa Campos, como era conhecida, se apaixonou por futebol quando estava ainda na escola secundária, tornando-se centroavante de um time de meninas. Também foi misse Belo Horizonte, jornalista esportiva de rádio e relações públicas do Cruzeiro. Disponível em <http://www.anaf.com.br/Especiais/Curiosidades.htm>, visitado em 18/06/2009.



exigir respeito. Eu estava ali para uma entrevista. Você foca os olhos no entrevistado e não enxerga mais nada. Você tem que manter o respeito para conseguir manter seu trabalho”. (KOSLOWISKI, apud HABIB, 2005, p. 96)

Na televisão elas foram chegando, pediram licença e aos poucos garantiram cadeira cativa. Dois outros atuais exemplos também vêm de Porto Alegre: um deles é o da Débora de Oliveira que começou na rádio ABC e União FM, com programa de debates esportivos até chegar na TV Bandeirante em 2004 e, recentemente, há três anos, na RBS TV, cobrindo jogos em transmissões ao vivo e fazendo reportagens. O outro exemplo que Teixeira Jr. (2006, p. 78-79) faz questão de ressaltar é o da jornalista Eduarda Streb – desde 1999, no departamento de esportes da RBS TV, num de seus primeiros compromissos: “[...] Uma das primeiras experiências – cobertura da pré-temporada do Internacional em Santa Catarina, para ela tudo era novidade, mas encarou o desafio, Ficou quase dez dias convivendo com os jogadores colorados [...] acompanhando treinos e amistosos. Até que chegou o dia de estreiar numa transmissão de futebol ao vivo. [...]”

A mulher e o Jornalismo Esportivo - O contexto da mulher no Rio Grande do Sul

Diferentemente de outros recantos do Brasil, o Rio Grande do Sul, traz na essência de sua história, peculiaridades expressivas, no que tange o envolvimento da mulher na construção da tradição, cultura e personalidade da identidade gaúcha. Em um grande paradoxo, a sociedade sul-riograndense associada a tradição machista, pois é originária de uma oligarquia militarizada, que demarcou fronteiras, através de lutas e de muitas guerras, também tem a presença contínua da mulher gaúcha. Para fundamentar esta afirmativa foram realizadas entrevistas *in loco* com quatro profissionais que atuam no telejornalismo esportivo, em Porto Alegre, para uma observação participante da realidade prática, para a constatação de suas rotinas e a busca por algumas respostas acerca de pontos analisados por autores e relatados por outras profissionais do segmento, com o propósito de confrontá-los. Foram entrevistadas as jornalistas Aline Rimolo – editora de esporte, e Luciana Rosa editora de texto, ambas da TV Record, no dia 04/05/2009; e também Elisabeth Fernandes – coordenadora de Esportes da RBS TV e TV COM – e depois, Eduarda Streb – repórter e apresentadora dos programas esportivos desta mesma emissora. No trabalho aplicado na RBS, as entrevistas foram, respectivamente, presencial, no dia 12/06/2009 e por email, respondido no dia 15/06/2009.

Na telinha do Estado Gaúcho, elas têm aparecido com frequência, seja na apresentação, no VT do antes e do depois da rodada ou apenas o áudio de timbre afinado de suas intervenções durante as transmissões de eventos esportivos. O certo é que elas desfilam pelos quatro cantos do pampa em época de Campeonato Gaúcho de futebol e alvoroçam o público masculino. Entre elas está a precursora da nova geração de mulheres no esporte gaúcho, a “Guerreira da Comunicação” como define Teixeira (2006), Eduarda Streb, entrevistada para análise deste trabalho. Da mesma forma a sua coordenadora e de todo departamento de esportes da RBS TV e TV Com, Elisabeth Fernandes. Deste veículo repórter e coordenadora, divergem de opiniões quando o assunto é preconceito. Streb está na rua, nos espaços esportivos, vive o calor da emoção ela acredita que ainda há algum suspiro de preconceito, discreto, velado, em fase extinção:



[...] Afinal, trabalhamos num ambiente tipicamente masculino e ao contrário dos meninos, que cresceram jogando bola, passamos a infância brincando de boneca!!! Em entrevistas coletivas, o microfone "demooooora" a chegar nas nossas mãos... mas apesar das dificuldades, temos que marcar presença!!! O bom é que essa situação está melhorando a cada dia, já que as mulheres vêm conquistando espaços importantes nessa área. (Streb, 2009).

Já Fernandes, bastante segura e otimista quanto ao tema, destoa, e acredita que a questão preconceito já esteja superada, pelo menos, na capital gaúcha e algumas cidades maiores do interior.

[...] eu estava conversando com as meninas que são repórter que frequentam dentro de campo se elas a torcida mexer ou se os jogadores fazem algum tipo de gracinha e não elas são tratadas igualmente... As pessoas já estão acostumadas a ver mulher e homem dentro de campo, e fora do campo também é tranquilo... É possível que haja um pouco desta diferença no interior [...] (Fernandes, 2009).

Na Record, a divergência de opinião se dá entre as colegas que atuam dentro da redação, Aline Rimolo que é editora de esporte, acha que esta questão está ficando de lado tamanhos são os espaços e a presenças das mulheres que têm mostrado que elas são capazes. No entanto, a editora de texto, Luciana Rosa, percebe que há esse preconceito devido a um outro diferencial masculino, mas que a mulher pode contribuir através de sua natureza: “[...] é uma questão de formação, a maioria das mulheres não tem a memória de futebol que os homens têm... Eu até brinco com eles que eu tenho inveja dessa memória de saber quem jogou no Grêmio em 75 e dar a escalação completa...[...] A mulher tem outro viés, ela tem uma outra visão em relação ao esporte às vezes ela consegue ser um pouco mais imparcial em relação às coisas... . (Rosa, 2009).”

Quanto ao que poderia estar contribuindo com presença e o interesse das mulheres pelas editorias esportivas, todas são unânimes e rápidas na resposta: “As mulheres estão mais ativas, estão curtindo mais o esporte...descobrimo atividades físicas de que gostam e se apaixonado” (Streb 2009). Idéia defendida pelas demais profissionais: “é notório que a mulher tá se interessando mais por esporte, pelo futebol, especificamente” (Rimolo, 2009). De acordo com Rosa (2009) é uma consequência: “...o esporte encanta...primeiro lugar, quem gosta de esporte gosta de trabalhar com o esporte, o esporte possibilita também tu ter um trabalho mais criativo mais leve mais solto”. Fernandes (2009) reforça a afirmação da mulher pela demanda, no mercado: “cada vez mais as mulheres tão interagindo mais com o esporte, quando agente oferece estágio aqui é feito uma seleção, uma série de critérios fazem parte, já faz uns quatro anos que só mulher passa”.

Ao mudar de atribuição dentro de uma editoria esportiva, vêm as cobranças, os receios, mas a satisfação de ampliar o desafio. Segundo as jornalistas, o grau de dificuldade de se estar na rua, numa edição ou numa coordenação é o mesmo. Todos têm as suas obrigações. Segundo Fernandes (2009) que há três anos coordena mulheres e homens que já estão há muitos anos na RBS como o narrador Paulo Brito e o repórter Glauco Pasa, que determina pauta e escalas, as dificuldades ou responsabilidades para as mulheres estão nos dois lados: “[...] Quem coordena é muito exigido primeiro porque tu tens que estar sempre provando que tu como mulher não está alheia a tudo que está acontecendo. Que tu estás acompanhando tanto como um homem. Eu sou exigida como mulher e



como coordenadora porque sou mulher tem um grupo de homens que trabalha junto e já conhecem teoricamente mais, [...]” (Fernandes, 2009).

Tanto para Rosa (2009) como para Rimolo (2009) as tarefas e comprometimento de quem atua nos bastidores da redação para que determinado programa esportiva vá ao ar, demandam também grandes exigências. E quando a pergunta é: o que é mais complexo para a mulher dentro ou fora da redação, elas respondem, TV é equipe.

[...] não adianta tu ir pra rua e achar que tudo vai se resolver quando voltar pra redação. Tu tens que ter uma visão do que tu quer tirar, tem que saber o que tu quer [...] Essa questão editorial de planejamento, optar pela melhor pauta, optar pra onde agente vai mandar a equipe, construir pequenos quadros que facilitem e agilizem o programa sem exigir essa maior demanda da equipe que ta na rua, isso também, é muito encantador...Pra mim TV é isso é equipe, não adianta um lado ta bom se outro ta ruim [...] (Rosa, 2009).

Entre os profissionais da RBS TV e da Record não há qualquer tipo de distinção entre homens e mulheres. Mas diante de alguns obstáculos, segundo o contingente feminino destes veículos, as mulheres se equivaleram rapidamente aos homens neste segmento do jornalismo por vantagens bem peculiares: charme, simpatia e graciosidade, o que no esporte é muito valioso, pode conquistar de vez a fonte: “[...] Sempre fiz questão que me vissem como repórter/jornalista. Não, simplesmente como mulher. Nos estádios, nos treinos de futebol, tento não chamar a atenção com relação às minhas roupas, procuro ser discreta quando estou trabalhando. A vantagem existe porque a mulher tem um olhar diferente, uma sensibilidade maior do que a maioria dos homens... (Streb,2009). Elisabeth Fernandes, também percebe esse diferencial e diz que algumas vezes sai na frente em relação aos colegas, inclusive, criando um vínculo inverso com a fonte. “[...] Eu consigo muita coisa com empresário de jogador que os guris aqui não, que os homens do esporte não conseguem. Mas é porque é maneira de lidar eu já vi isso[...]. Então não é ser mulher porque usa saia , mas pela maneira de negociação de conversar, acho que isso facilita.” (Fernandes, 2009).

O que se percebe é que o preconceito nu e cru está praticamente sepultado, mas ele deixou versões sob forma de exigência e cobranças. Como apontou Fernandes (2009), um grande paradoxo: o homem gosta de ver uma mulher falando de esporte, mas não descuida de prestar atenção no que ela está falando, de prontidão para captar o mais tênue deslize. Para Castells (2000) a mulher sempre foi mais cobrada do que o homem, em suas profissões, mas é notório que no esporte essa cobrança se multiplica. Sempre exigentes consigo mesmas elas foram em busca desta qualificação, resultado: produto final de alta qualidade.

Outra importante constatação vai de encontro ao exposto por Coelho (2004, p.35), em dois pontos: o jornalista esportivo diz que na maior parte as mulheres são encaminhadas aos esportes amadores, o que não se verifica nas redações pesquisadas na capital gaúcha. Da mesma forma, quanto ao número de mulheres nas redações esportivas serem sempre menores que de homens, fato que ele associa à possibilidade desta situação refletir o interesse da população. Na terra dos machões não funciona mais assim. Segundo Fernandes (2009) e Streb (2009), na RBS TV, não só na televisão como nos demais veículos do grupo, o número de profissionais homens e mulheres é praticamente o



mesmo. Na briga por mercado, pode, inclusive, ser maior. Na TV Record, o setor de esportes trabalha, hoje com três mulheres (editora, editora de texto e a apresentadora) e um repórter.

Um aspecto comentado pelas entrevistadas é que mesmo sendo constantemente cobradas quanto as suas reais capacidades e alimentado desconfianças em suas atribuições, elas não deixam de ser respeitadas por seus colegas, atletas e jogadores. Fruto de uma imposição da solidificação de uma imagem de profissionalismo, como ressaltou Fernandes (2009). Não há qualquer dúvida de que atualmente, no jornalismo esportivo, as mulheres se equiparam aos homens pela competência e criatividade profissional, mas quando se trata de alma feminina, encanto e dedicação, elas já viram o jogo há muito. Percepção acertada dos grandes veículos de imprensa que têm apostado nelas.

Conclusão

Com base em todos os registros e relatos pormenorizados nos capítulos desenvolvidos, este trabalho que partiu da premissa de que o esporte e as editorias dos veículos televisivos se renderam ao profissionalismo e ao talento das mulheres, nos últimos anos, em especial, na televisão do Rio Grande do Sul, propôs a verificação desta ocorrência e de como foi e como se dá a inserção da mulher neste contexto.

Terra machista por essência, campo até pouco tempo dominado por homens traz uma constatação: na terra dos machões não funciona mais assim. Segundo Fernandes (2009) e Streb (2009), na RBS TV, não só na televisão como nos demais veículos do grupo, o número de profissionais homens e mulheres é praticamente o mesmo. Na briga por mercado, pode, inclusive, ser maior. Na TV Record, o setor de esportes trabalha, hoje com três mulheres: editora, editora de texto e a apresentadora, e um repórter. Quando a mulher é guindada a um cargo de chefia na grande imprensa, não fica pensando se algo dará certo ou não. Para atingir sua meta, ela tenta, arrisca, traça estratégias de acordo com os seus objetivos. Fernandes (2009). Esta realidade se comparada ao referencial teórico mostra que a luta da mulher em busca de qualificação profissional e colocação no mercado de trabalho, apesar de sua participação na vida social contemporânea exige dela um grande esforço em função de que sua identidade como pessoa ainda está atrelada a contextos sociais marcados por relações de poder (CASTELLS, 2000), mas mostra também que as mudanças estão acontecendo, cada vez mais rápido, distanciando os preconceitos.

Não há qualquer dúvida de que atualmente, no jornalismo esportivo, as mulheres se equiparam aos homens pela competência e criatividade profissional, mas quando se trata de alma feminina, encanto e dedicação, elas já viraram o jogo há muito. Percepção acertada dos grandes veículos de imprensa que têm apostado nelas. É uma grande engrenagem de promoção para elas e para a comunicação: elas fazem sucesso porque encantam e encantam porque tem talento.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Eliseu de Mello. O Futebol Em Pelotas. 1ª Ed. 1984.
- AMARA, L. Jornalismo: matéria de primeira páginas. Fortaleza: Tempo Brasileiro, 1982.
- AMARAL, Júlio César. O Esporte na TV: A comunicação no telejornais de TV por cabo, 2000 – UCPEL
- BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo. 4.ed. São Paulo: Ática, 1992. v.2.
- BAHIA, Juarez. "Jornal, História e Técnica - História da Imprensa Brasileira". São Paulo: Ática, 1990.



- BARBEIRO, Heródoto & RANGEL, Patrícia. Manual do jornalismo esportivo, São Paulo, Contexto, 2006.
- BETTI, Mauro. A Janela de Vidro: Esporte, televisão e educação física. 2ª ed Campinas: Ed. Papyrus, 2003.
- BELTRÃO, Luiz.. Iniciação à Filosofia do Jornalismo. – 2.ed – São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo; Com Arte, 1992 – Clássicos do Jornalismo Brasileiro
- CARZOLA-PRÍETO, L.M. Deporte y estado. Madrid, Editorial Labor, p.208-241, 1979.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da identidade. 3ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHAGAS, Viktor. A jornalista-mulher brasileira do século XXI. Revista PJ:Br – edição 55 - 1º semestre de 2005. Disponível no endereço eletrônico: http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia5_b.htm – acesso em 27/03/2009.
- COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. 2ª ed. SP, 2004
- ERBOLATO, Mário. Jornalismo especializado. .São Paulo: Atlas, 1981.
- _____. "Técnicas de Codificação em Jornalismo - Redação, Captação e Edição no Jornal Diário". São Paulo: Ática, 1991.
- FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.
- TEIXEIRA JR., Jobert. Mulheres no futebol, a inclusão do charme. 1ª Ed. Porto Alegre: Brasul Gráfica Editora, RS, 2006.
- MACIEL, Pedro. Jornalismo de Televisão. 1ª ed. Porto Alegre: Sagra-Dcluzzato, 1995.
- MARQUES, José Carlos. O estigma de ser jornalista esportivo. Comunicação apresentada ao XXVI Congresso Brasileiro da Intercom, Belo Horizonte, 2003.
- Máximo, João. Memórias do futebol brasileiro. Estudos Avançados – Dossiê Memória. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Estud. av. vol.13 no.37 São Paulo Sept./Dec. 1999.
- RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ROALY, Danielson. Proibido para Homens. Disponível no site WWW.canaldaimprensa.com.br
- THOMPSON, John. Mídia e Modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões Sociais do Esporte*. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.
- VIEIRA, André Scharlau. Saber Real. In: Tendências em Comunicação. Porto Alegre: LPM&RBS, 1998.
- VILAS-BOAS, Sergio (org.). Formação e Informação Esportiva, São Paulo: Summus Editorial, 2005.
- CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. *O marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol*. São Paulo: A Girafa, 2005. 365 p.